

IX

As illusões d'Apollonio. — 2.º D'Ea á foz do Rhodano

A certeza de que o itinerario da volta parte da costa oriental da Inglaterra e segue pelo Rheno e Rhodano auctorisa-nos a um processo differente, do que até agora adoptamos e que nos poupará muita palavra.

Começaremos por expôr os factos, como os achamos em Apollonio, e depois d'averignar que elles são tão absurdos no scenario, que o poeta lhes imagina, quão simples e naturaes no que é exigido pela nossa critica, ao passo que formos descortinando a causa das suas aberrações, iremos vendo como a verdadeira geographia se restaura, a bem dizer, por si mesma.

Da Colchida á foz do Danubio. — Em virtude d'uns acontecimentos, que historiaremos no capitulo seguinte, os Argonautas são obrigados a fugir d'Ea. Fogem de noite, e vão com elles Medea e os filhos de Phryxo. Por conselho d'um d'estes, Ar-

gus, os fugitivos decidem seguir por uma «outra navegação», diferente da da vinda, e dirigem-se á foz do Danubio, rompendo atravez do Euxino ¹.

Foi uma fortuna que Apollonio não tivesse olhos para vêr os absurdos, contidos na narrativa que nos transmite. Como se notou de certo, elles não podem ser mais colossaes. Uma navegação das immedições da Colchida para a foz do Danubio atravez do Euxino, o mar inhospitaleiro, além d'absurdissima n'aquelles tempos, seria insensata, porque nenhuma razão havia para que os mareantes não fizessem a viagem ao longo da costa.

É porém evidente que o poeta reproduz cegamente um factó historico, o mesmo que já nos reproduziu a *Odyssea*, mostrando-nos Ulysses a atravessar o Mar do Norte desde Ea até o paiz dos Cimmerios. Isto admittido, todos os absurdos desapparecem, e nenhuma duvida pôde haver que levado das suas illusões o nosso poeta fez do trajecto, tão natural e possivel, da Inglaterra para a foz do Rheno, a absurda e então quasi impossivel travessia da Colchida para a foz do Danubio.

Na foz do Danubio.— Logo que ao romper do dia se lhe torna notoria a fuga dos Argonautas, de Medea e dos netos, Aetes solta sobre elles uma numerosa flotilha, que pôde ainda ir apanhal-os na foz do rio ².

Na concepção d'Apollonio este incidente reveste um caracter tão absurdo, como o primeiro. Os Col-

¹ *Argonautica*, IV, 299-302.

² *Argonautica*, IV, 236-40; 305-6.

chidios ignorariam o caminho, que os fugitivos tomaram e aqui está o expediente adoptado para os descobrir: dividiram a sua esquadilha em duas: uma sae pelos Dardanellos, segue pela Propontida, costeia a Grecia, torneia o Peloponeso e vae postar-se em Corcyra ³; outra bate todo o Euxino, como se elle fosse um lago sereno e de poucas legoas, até que vae descortinar na foz do Danubio os Argonautas ⁴, que ficariam alli á espera do inimigo, emquanto elle se occupava n'aquellas demoradas pesquizas.

No theatro real dos acontecimentos tudo se explica com a maxima clareza. Certo de que os Argonautas não tinham sahido pelo estreito, o Passo de Calais, que estava bem guardado ⁵, precisamente para prevenir a eventualidade d'uma fuga nocturna, e sabendo que com os fugitivos vae Argus, que, como todos os insulares d'Ea, conhece muito bem a «outra navegação» pelo Rheno e Rhodano, Absyrto, filho d'Aetes, que dirige a perseguição contra os Argonautas, não pôde hesitar sobre o caminho, por onde elles projectam escapular-se. E, provavelmente porque os seus barcos são mais ligeiros e apropria-

³ Nós veremos logo a razão por que Apollonio não pôde dispensar duas esquadilhas e porque uma d'ellas ha de ir ter a Corcyra, seja como for.

⁴ *Argonautica*, iv, 305-6.

⁵ Apollonio não menciona esta circumstancia, que é expressa em Timeu, como já vimos na primeira e segunda nota da nossa introdução. Lá lhe pareceu absurdo de mais que um rei da Colchida mandasse pôr sentinellas nos Dardanellos. Não se lembrou que mais absurdo mil vezes era não sahirem os Argonautas por aquelle estreito, se elle estava livre e desembaraçado, como o poeta o suppõe.

dos a uma navegação pelo Mar do Norte ⁶, e porque não podendo seguir pelo Rheno na sua pesada embarcação, os fugitivos têm de demorar-se a procurar outros meios de transporte, não é milagre nenhum que Absyrto com a sua flotilha chegasse á foz do Rheno antes que os Argonautas podessem abalar d'alli.

Ilhas Absyrtides.— O conflicto d'Absyrto com os Argonautas ha de dar-se, pelo que fica dito, na foz do Rheno, devendo esperar-se que Apollonio o localisasse na foz do Danubio, attento o seu modo de vêr. Mas não é assim, e aqui está como elle conta as cousas. Quando Absyrto chegou á foz do rio, os Argonautas estavam quasi a atingir a parte superior da ilha de Peuce, formada por dous dos braços do rio. Sabendo que os inimigos estavam n'um dos braços, mas ignorando em qual, o filho d'Aetes, á frente da sua flotilha, segue casualmente por aquelle, em que os não pôde encontrar, e com tal presteza que chega primeiro que os Argonautas ao ponto da separação dos dous braços. Não vendo ahi ninguém, cuida que o inimigo já lhe tomou a dianteira e, correndo pelo rio acima atraz dos imaginarios fugitivos, chega a um terceiro braço do rio, que vinha sahir ao Adriatico. Seguindo, sem quê nem para quê, por este caminho, vem ter áquelle mar, parando junto das ilhas do sul da Istria.

Pelo seu lado, os Argonautas, victimas d'uma illusão identica, cuidando que Absyrto não tardará a

⁶ Vid. Avienus, *Ora Maritima*, 103-7, fallando dos barcos de couro dos Œstrymnidos.

persegui-os, fogem pelo rio acima; tomam também pelo terceiro braço que traz ao Adriatico, e, chegando a este mar, acham-se de repente cercados pelos barcos d'Absyrto ⁷.

Vê-se que, dado mesmo o caso d'haver na vida real imbecis capazes de representar o papel que Apollonio distribue aos Argonautas e aos seus perseguidores, esta comica travessia era impossivel, porque o braço do Danubio, que punha este rio em communição com o Adriatico, não existia senão na cabeça de certos Gregos.

Nós já conhecemos em geral os motivos, que forçaram Apollonio a trazer para o Adriatico as scenas, que intuitivamente se vê só poderem admittir-se na foz do Rheno; um incidente muito importante da legenda vae mostrar-nos por que elle escolheu duas ilhas da Istria para theatro do conflicto e da tragedia d'Absyrto. Os Argonautas, como vimos, tinham sido cercados pela esquadilha inimiga e ficaram reduzidos a tal extremidade, que tiveram de capitular. Estavam meio resolvidos a entregar Medea, quando esta, sabida tal deliberação, entra em furias contra a cobardia do seu amante, e suscita um alvitre que é immediatamente accete. O alvitre consiste em atrahir Absyrto a uma cilada, entregando-o ao punhal de Jason na esperança de que, morto o chefe, os seus soldados desistirão de todas as hostilidades. Isto assente, a filha d'Aetes finge annuir á capitulação, e, enquanto esta segue os seus tramites, Medea fica depositada no templo d'uma ilha deserta, a pou-

⁷ *Argonautica*, IV, 307-35.

ca distancia do ancoradouro dos Argonautas. É alli que ella uma noite consegue fazer vir o irmão, a pretexto d'umas confidencias que muito o interessam. Absyrto é assassinado cobardemente e a um signal dado o navio negro, como muitas vezes é denominada a nau Argo, aproxima-se da ilha, recolhe os dous amantes e «rompendo aavez dos barcos inimigos vem postar-se na ultima Electrida do Eridano ⁸.»

Ora, como sabemos, para Apollonio o Eridano era o Pó. Aqui temos pois bem á vista as razões, por que o nosso poeta desorganizou toda a topographia da legenda. O theatro do conflicto e da tragedia d'Absyrto ha de ficar defronte do Pó; porque, depois da morte do infeliz moço, os Argonautas atravessaram para a Electrida do Pó, rompendo o bloqueio que abrangia duas ilhas, unico espaço, onde elles podiam mover-se.

Era pois quasi fatal o expediente de translocar as scenas da foz do Danubio para defronte do Pó e localisal-as nas ilhas Absyrtides, as unicas que estavam n'estas condições e tanto mais, que os Argonautas tinham depois de sahir do Adriatico pelo Pó e pelo Rhodano.

Tudo isto é tão evidente, que seria estragar tempo procurar outras provas além das que ficam dadas; e o que muito importa é reconstituir a topographia, que o nosso poeta tão profundamente deturpou. Felizmente é elle mesmo que nos vae ajudar n'esta tarefa, porque, como sempre, não faz mais do

⁸ *Argonautica*, IV, 505-6.

que adaptar aonde lhe pareceu razoavel os factos historicos e geographicos, que repetia. O que em primeiro logar temos a fazer é reunir o que elle dispersou, e localisar na foz do Rheno — a ilha, onde os Argonautas foram bloqueados pela esquadilha d'Absyrto e que chamaremos primeira Absyrtide — a ilha em que Absyrto foi assassinado, e que chamaremos segunda Absyrtide — e procurar pelas immedições do Rheno a ultima Electrida, para onde atravessaram os fugitivos, no intuito d'espreitarem os resultados do sanguinario plano de Medea.

Primeira Absyrtide. — Basta examinar com attenção tudo o que o poeta nos dá como succedido na foz do Danubio, para desengano de que já ahí começam as suas falsas identificações. Diz-nos elle que o rio tinha dous braços; que Absyrto seguiu por um d'elles, emquanto os Argonautas navegavam por outro, e chega a dar-nos a noticia, apparentemente inutil, de que os Argonautas attingiam já a parte superior d'uma ilha, formada pelos dous braços do rio, quando a flotilha inimiga lhes tomou a dianteira. Para o nosso poeta a ilha em questão é a Peuce do Danubio⁹, no que mostra a sua erudição, porque na foz do Danubio havia realmente uma ilha Peuce; mas já esta sciencia contrasta singularmente com a falsidade de dar dous braços ao Danubio, quando elle é bem conhecido pelas suas sete bocas. Dous braços tem o Rheno.

Deixemos isto por emquanto, e vejamos, á luz do senso commum, o que poderia fazer Absyrto, quan-

⁹ *Argonautica*, iv, 309 e seg.

do chega ás immediações do rio. É manifesto que elle não tomava á tóa por um dos seus braços. Se tomou por aquelle, em que não podia encontrar os inimigos, fel-o com certeza muito propositadamente, e o seu plano é facil de conceber. Sabendo que os Argonautas estão n'um dos braços do rio, na parte superior d'uma ilha, formada por elles, e que o seu fim é escaparem-se pelo rio acima, apressa-se a cortar-lhes aquella retirada, seguindo com parte dos seus barcos pelo outro braço, enquanto o resto da sua esquadilha estende uma linha de bloqueio pelo lado do mar.

D'este modo os Argonautas ficam encurralados n'um dos braços do rio e inteiramente á mercê dos seus perseguidores.

Tudo isto é tão natural e tão simples; é tão indubitavel que o conflicto d'Absyrto não podia deixar de dar-se na foz do Rheno, que mal se imagina que as cousas podessem passar-se d'outra maneira ¹⁰.

A Peuce d'Apollonio converte-se então n'uma ilha, formada pela separação dos dous braços do Rheno, chamada no tempo dos Romanos « Batavorum insula »; e aqui vem agora importantes revelações.

Nos versos 522-524, Apollonio deixa vêr que, quando os Argonautas foram cercados pela esquadilha d'Absyrto, estavam ancorados na terra dos

¹⁰ As nossas observações têm tão pouco d'arbitrarias que na versão de Valerio Flacco, *Argonauticon*, VIII, 259 e seg., Absyrto vae surprehender os seus inimigos na ilha Peuce. Infelizmente a obra do poeta romano passa pouco além d'este incidente. O resto está perdido.

Hyllenses; nos v. 537-49, diz-nos que os Hyllenses eram Pheacios; e emfim no v. 548 diz-nos que os Pheacios habitavam no Mar Saturnio. Todas estas noticias, por isso que contrariam o seu modo de vêr, não são cousa da sua lavra; são incontestavelmente copiadas da velha legenda; e temos então que pelas suas proprias revelações a ilha, onde se deu o conflicto dos Argonautas e d'Absyrto, nem foi a Peuce do Danubio, nem uma ilha da Istria, mas uma ilha habitada por uns Pheacios do Mar do Norte, em summa a Pheacia da Odyssea ¹¹. A primeira Absyrtide é pois a Pheacia da Odyssea, a Batavia dos Romanos, e o nosso poeta, para se compôr com os seus prejuizos, teve de a scindir em duas, a Peuce do Danubio e uma ilha do Adriatico, dispersando por ambas os incidentes do episodio.

A segunda Absyrtide. — Onde collocar a ilha em que foi assassinado Absyrto? Ella ficava ainda dentro do perimetro do bloqueio, como sabemos, e nas proximidades da primeira Absyrtide, segundo se

¹¹ As ilhas Absyrtides da Istria tiravam o seu nome da tragedia d'Absyrto, segundo a opinião mais corrente. Havia porém dissidentes, que fixavam o facto n'uma localidade da costa do Euxino, por exemplo, *Arrianu, Periplus Ponti Euxini (Geographi Minores, ed. Didot)* e por isso lá nos apparece um castello Apsyrto, depois Apsarum por corrupção, onde Absyrto foi assassinado, e onde se via ainda o seu sepulchro. Isto prova que os Gregos arranjavam Absyrtides, onde lhes convinha. Orpheu, *Argonautica, 1030-3*, conciliaria até certo ponto todas as opiniões, miraculosamente é verdade: Absyrto seria assassinado na foz do Phasis, mas o seu cadaver viria fluctuando pelo mar até o Adriatico, até ás Absyrtides.

infere claramente de todas as peripecias da tragedia; ficava portanto proxima da Pheacia, ou Batavia da foz do Rheno.

As bocas do Rheno têm soffrido taes alterações, que seria quasi insensata a ideia de querer precisar uma localidade tão mal determinada pelo nosso poeta. Aqui estão porém approximações que não podem ser mais frisantes. A ilha era deserta e consagrada a uma divindade infernal, porque só assim se explica que Medea, sacerdotisa d'uma deusa d'aquella especie, fosse alli demorar durante a capitulação ¹²; perto do templo havia uma lagôa mephitica, onde tinha sido precipitado o cadaver d'Absyrto ¹³.

¹² Apollonio dá-lhe o nome de Artemis Brygêa, misturando talvez o falso e o verdadeiro. O templo fôra construido pelos povos fronteiros, os Pheacios de certo.

¹³ A mesma, em que tinha sido precipitado Phaethonte. A fabula de Phaethonte é a legenda d'Absyrto, mythificada depois d'Homero, pois que, para este, Phaethonte é apenas um cavallo do Sol. Basta comparar a historia d'Absyrto e do Phaethonte, para que a verdade da nossa affirmativa se demonstre por si mesma. Absyrto é o filho d'Aetes e apparece-nos commandando a esquadriha, que o pae lançou ao mar contra os seus odiosos inimigos. Tal é porém a sua credulidade e inexperiencia, devida de certo aos poucos annos, que, tendo a victoria na mão, cae na imprudencia d'ir só e de noite a um lugar deserto, onde pôde ser assassinado impunemente. O theatro do crime foi a foz do Rheno, Eridano.

Phaethonte é um filho do Sol, que insta tanto com o pae para que lhe deixe guiar o seu carro, que o deus se viu obrigado a ceder. Tal é porém a inexperiencia do moço, que os fogosos cavallos correm já sem governo; a terra está em riscos de ser abraçada e Jupiter vê-se forçado a fulminar Phaethonte, que cae precipitado na foz do Eridano.

É de primeira intuição o processo que converteu em mytho

Este templo d'uma deusa infernal e esta lagõa mephitica perto da Pheacia não são precisamente o bosque de Proserpina e a Lagõa Stygia, que a Odyssea nos mostrou no paiz dos Cimmerios, ou Pheacios, certamente copiando noticias da Argonautica phenicia? Para nós isto nenhuma duvida soffre, e, porque os Errores localizam a Lagõa Stygia no confluente de dous rios, combinando as suas informações com as d'Apollonio, de certo encontraríamos a segunda Absyrtyde no confluente do Vahalis e do Mosa, se, como dissemos, a topographia d'esta região não houvesse soffrido grandes modificações.

a legenda historica. Absyrto era filho d'Aetes, e Aetes era o Sol. Absyrto tornou-se o filho do Sol. Não será pois a flotilha d'Aetes que elle vae guiar; será o carro do Sol; não será a sua inexperiencia contra os ardis da guerra, mas a inexperiencia em governar os cavallos do Sol, que o perde; não será emfim n'uma localidade da foz do Eridano, que elle morrerá; mas nas alturas celestes, vindo d'ahi cahir na foz do Eridano. Esta ultima particularidade denuncia bem a origem historica da fabula, porque o Eridano de Phaethonte é inquestionavelmente o Rheno, onde a mesma fabula collocava as Heliades, ou Electrides, chorando a morte do filho do Sol com essas formosas lagrimas, que se transformaram em ambar.

Para que não fique duvida sobre a identidade d'Absyrto e do Phaethonte, já indicamos o texto d'Apollonio, III, 245-6 (comp. III, 1235-6), em que elle nos diz muito expressamente que Absyrto tinha o appellido de Phaethonte, por *brilhar* entre os seus companheiros. E já têm um pouco de mythico os traços com que o poeta o mostra guiando o carro resplendido d'Aetes, que n'outra parte chama filho do Sol. É o poeta tambem quem nos pinta com exageradas côres a lagõa mephitica da foz do Eridano, em que foi precipitado Phaethonte, IV, 620-3, bem que tire as suas noticias d'outra fonte e esteja longe de sonhar que este Phaethonte seja o seu Absyrto.

A ultima Electrida.— Para fixar a posição da ultima Electrida do Eridano, temos duas indicações, que não podem ser mais claras. Para chegar a esta ilha, os Argonautas tiveram de romper o cordão dos barcos inimigos, que os cercavam do lado do mar. A Electrida ficava pois á beira-mar, já fóra das bocas do Rheno. Mas para norte ou para sul? Um dos fins dos Argonautas, vindo ancorar na Electrida, era vêr se, livres da perseguição dos soldados d'Absyrto com a morte d'este, lhes seria possível tentar a escapula surrateira pelo estreito, fugindo á desesperada navegação pelo Rheno e Rhodano.

D'aqui se vê que a ultima Electrida era ultima em relação a uma serie d'ilhas, que da foz do Rheno se estendiam pelo littoral na direcção do Passo de Calais. E, para que não fique duvida que é no Mar do Norte que estamos, Apollonio dir-nos-ha nas suas revelações do costume que os soldados d'Absyrto, longe de desistir da perseguição, estavam dispostos a procurar o inimigo por todo o Mar Saturnio ¹⁴.

E aqui está como d'uma travessia da costa oriental da Inglaterra para a foz do Eridano, Rheno, e das scenas passadas em duas ilhas da foz do Eridano e n'uma outra sobre o Mar do Norte, Apollonio ou a sua escola engenhou a mais que phantastica fuga dos Argonautas, rompendo, atravez do Euxino, da Colchida para a foz do Danubio, do Danubio para o

¹⁴ *Argonautica*, iv, 507-9. Escusado dizer que nas immediações do Pó não havia ilhas Electridas. Strabon, V, i, 9, depois de as mencionar sob a fé dos crendeiros, declara com toda a franqueza que pelas immediações do Pó não existia nenhuma Electrida, nem cousa que se parecesse.

Adriatico, até pararem nas imediações do seu Eridano, o Pó. Mas não podia ser d'outro modo, desde que para os Gregos o ponto de partida era a Colchida, o rio demandado pelos fugitivos o Danubio, e o Eridano, onde realmente se passaram as principaes peripecias da perseguição e o seu desenlace, tinha sido identificado com o Pó.

Mas não é manifesto que só e unicamente por seguir passo a passo a narrativa historica foi possível encadear esta aturada serie d'absurdos?

O modo, por que elles se transformam em acontecimentos naturalissimos, mal são adaptados á geographia dos Errores, i. é, a sua verdadeira geographia, não pôde deixar sombra de duvida, nos parece, sobre a restauração que propuzemos.

Mas não se cuide que estamos já livres do emmananhado caminho, por onde Apollonio se metteu. Chegamos apenas a metade da jornada.

Veja-se a espantosa narrativa, desde o ponto em que a deixamos. Os soldados d'Absyrto dispunham-se, segundo dissemos, a perseguir os Argonautas por todo o Mar Saturnio, quando Hera lhes frustou os projectos, desencadeando uma formidavel tempestade. Isto quer dizer, que uma tempestade dispersou os navios d'Aetes, quando corriam para a Electrida á caça do inimigo. Vendo que as suas esperanças estavam inteiramente perdidas, os fugitivos lançam mão d'um ultimo recurso, que é voltar aos Hyllenses ou Pheacios, e angariar por todos os modos a sua protecção. Tão felizes foram, que os Hyllenses,

pouco favoraveis aos seus hospedes, durante a vida d'Absyrto, mudaram de tal sorte, que «excogitavam com elles o caminho a seguir.»

Estes bons officios tornaram-se escusados; porque, sem se perceber a causa, os soldados d'Absyrto ensarilham as armas, bem que fizessem n'isso tal sacrificio, que não se atreveram a voltar á sua patria, por medo da vingança d'Aetes. Domiciliam-se por alli.

Ahi ficam pois os Argonautas com o mar livre — é preciso notar que na concepção d'Apollonio este mar é o Adriatico — e o que têm a fazer é dirigir-se ao estreito — o estreito d'Otranto, sempre na concepção d'Apollonio — e seguir para a Grecia. É effectivamente o que tratam de fazer; mas a deusa Hera, lendo na mente de Jupiter, e conhecendo que os seus protegidos não podem livrar-se das procellas do mar, sem obterem de Circe a absolvição dos seus crimes, quando os vê approximarem-se do estreito, suscita uma furiosa tempestade, que não só os faz recuar ao fundo do Adriatico, mas os enfia pelo Pó acima. É n'esta especie de turbilhão que elles passam do Pó para o Rhodano, descendo ao Mediterraneo, depois d'andarem perdidos pelo Bosque Hercynio.

Sahindo ao Mediterraneo, vão ter ao Circéo de Italia. Contra toda a expectativa, Circe não os dissolve. Resta-lhes voltar a Iolchos. Passam pelas Serreas, que se precipitam no mar, por serem vencidas pelo canto d'Orpheu, um dos Argonautas ¹⁵;

¹⁵ É curiosa a razão, por que os Argonautas desejaram a companhia d'Orpheu: é porque elle já fôra ao Inferno e pôde encontrar o caminho da volta. (Orpheu, *Argonautica*, 90-3).

passam por Scylla e Carybde sem grande difficuldade, porque os proprios deuses amparam a nau dos heroes; costeiam a Thrinacia, onde avistam os bois do Sol, pastoreados por Lampetia; e dirigindo-se a Corcyra, que Apollonio chama Pheacia... acham-se de repente cercados pela flotilha dos Colchidios, de cujo furor não escapariam, se Alcino e Arete, reis dos Pheacios, os não cobrem com a sua protecção¹⁶.

O leitor percebe sem difficuldade o motivo de toda esta embrulhada. Succede com Apollonio, pouco mais ou menos, o que vimos succeder com a Odyssea nas duas variantes sobre a viagem ao Mar do Norte. O roteiro que o poeta nos descreve desde o Circêo da Italia a Corcyra é realmente o mesmo. que nos descreveu desde a foz do Cio aos Pheacios-Hyllenses; e, se o nosso poeta não estivesse obcecado pelos prejuizos da geographia homerica, mas fizesse seguir aos seus heroes o verdadeiro roteiro da Odyssea, leval-os-hia, não a Corcyra, mas á Pheacia da foz do Rheno.

O duplicado dos itinerarios passa despercebido até á ultima estação; porque o primeiro foi tão desnaturado com as identificações geographicas da Propontida e do Euxino, que todas as suas analogias com o segundo desapareceram completamente; mas, approximando a terra dos Hyllenses-Pheacios da Pheacia-Corcyra e os acontecimentos que se passam n'uma e n'outra, os expedientes adoptados pelo nosso poeta, para ligar as duas series

¹⁶ *Argonautica*, IV, 507-1003.

d'aventuras e dar-lhes um remate aceitavel, ficam inteiramente a descoberto.

É claro em primeiro logar que o desfecho do conflicto dos Argonautas com os Colchidios não podia, na sua concepção, dar-se na terra dos Hyllenses, mas nos seus Pheacios de Corcyra, e é por isso que elle corta bruscamente a narrativa no ponto, em que os Hyllenses excogitavam com os seus hospedes o caminho, por onde elles haviam de salvar-se. O papel de protectores effectivos dos Argonautas fica transferido para os falsos Pheacios de Corcyra; mas Apollonio conhece bem a posição de Corcyra, para poder escrever que a protecção d'estes insulares consistiu em auxiliar os seus heroes na navegação do Eridano e Rhodano.

D'este modo, a famosa travessia perdeu a sua razão historica, tornando-se o resultado d'um milagre disparatado, de que o poeta só tira proveito, para ligar o itinerario, que terminava na foz do Rhodano, com o itinerario excrecente desde o Circêo da Italia a Corcyra.

Com estas deploraveis addições ficamos impossibilitados de conhecer o verdadeiro desfecho das aventuras do Mar do Norte? Vamos vêr que não. Basta amputar todas aquellas addições; fazer dos Hyllenses e dos Pheacios de Corcyra um povo unico e completar com os successos de Corcyra a narrativa, tão inexplicavelmente suspensa nas Absyrtes, para nos convenceremos que ainda d'esta vez o poeta foi dispersar por aquellas ilhas e por Corcyra uns episodios, que tinham uma unidade d'accção e de logar na verdadeira Pheacia do Rheno.

Tornemos pois atraz. Desenganados na Electrida de que não podem esperar quartel da parte dos seus

inimigos, os Argonautas aproveitam a confusão, em que de certo os pôz a tempestade, attribuida á protecção d'Hera, e dirigem-se de novo para os Hyllenses, resolvidos a empregar todos os meios de os tornar seus parciaes.

As scenas, que Apollonio localisa em Corcyra, dizem-nos que meios foram estes. É ainda Medea que representa o primeiro papel n'esta melindrosa empreza.

A filha d'Aetes vae lançar-se aos pés da rainha dos Hyllenses-Pheacios e consegue de tal modo enternecel-a com a historia das suas desgraças, que faz d'ella uma ardente protectora ¹⁷.

Para prova de que estamos realmente na Pheacia do Rheno, na Pheacia dos Errores, lembremos que a protectora de Medea se chama Arete e seu marido Alcino, tal qual como na Odyssea.

Alcino escuta os calorosos arrazoados da esposa, e responde-lhe que ha de proceder como um rei justo. É de notar que na capitulação, incetada no tempo d'Absyrto, uma das clausulas era sujeitar a causa de Medea ao julgamento d'um rei justo do paiz ¹⁸. Certamente era o mesmo Alcino ¹⁹.

Apertado pelas sollicitações d'Arete, o bom do rei confia-lhe o segredo da sentença que tencionava dar, quando fôra nomeado arbitro do pleito, e que

¹⁷ *Argonautica*, iv, 1611 e seg.

¹⁸ *Argonautica*, iv, 347.

¹⁹ Hygino, obr. cit., xxiii, affirma-o positivamente: Alcino intervem na contenda entre Absyrto e os Argonautas e as duas partes acceitam-n'o como juiz do pleito.

está resolvido a manter; e a rainha não tarda em fazer a respectiva confidencia á sua protegida ²⁰.

O aresto era do theor seguinte: se Medea estivesse casada com Jason, seguiria o marido; no caso contrario, seria entregue aos emissarios de seu pae.

A filha d'Aetes apressa-se a celebrar o seu casamento com o amante ²¹, e é depois d'isto que a flotilha d'Aetes apparece na Pheacia, tomando provavelmente as mesmas posições, que tomou ao commando d'Absyrto, e na attitude ameaçadora, em que Apollonio a pinta em Corcyra.

Alcinôo, que em todo o caso deve uma protecção tal qual aos estrangeiros, em virtude das leis da hospitalidade, intervem e propõe nova capitulação nas mesmas bases, em que Absyrto a acceitára.

A gente d'Aetes não tem remedio senão acceital-a tambem. Publicada a sentença, cuja lettra conhecemos, prova-se que Medea era esposa de Jason.

Os Argonautas estão salvos do grande perigo; porque, para tornar effectiva a sua decisão, Alcinôo está obrigado a defender os estrangeiros contra as hostilidades, que o inimigo tente contra elles nas aguas do rio que lavam o seu territorio. É o mesmo que dizer que os Argonautas podem seguir tranquilamente pelo Rheno acima, sem receiar uma perseguição qualquer.

A isto se limita a protecção do rei dos Pheacios; mas este pouco é o mais que os navegantes podiam desejar na sua situação. Transportando os factos

²⁰ *Argonautica*, iv, 1114 e seg.

²¹ *Argonautica*, iv, 1130 e seg.

para Corcyra, Apollonio tornou de todo em todo absurdo o papel dos Argonautas, dos seus perseguidores e dos Corcyrios.

Os Colchidios, dominando os mares com a sua formidavel esquadra, haviam de fazer grande caso das ordens do rei de Corcyra, para lh'as acatar humildemente, quando isso importava para elles o mesmo que dizer adeus á sua patria e ás suas familias! D'aqui o ridiculo da protecção d'Alcinôo promettendo o que não podia cumprir e o da credulidade dos Argonautas nas suas promessas irrisorias.

No verdadeiro theatro dos successos tudo se explica sem esforço. Por possantes que sejam as forças da gente d'Aetes, nada podem valer contra todo o povo dos Pheacios que as varreriam n'um instante das aguas do seu rio. A gente d'Aetes cede á força maior; e de certo se ririam da sentença d'Alcinôo, se os protegidos d'este se lembrassem de tentar ainda a sahida pelo estreito. Mas n'isso não se pensa já; o caminho é o do Rheno e Rhodano, o mesmo que n'outro texto os Hyllenses excogitavam com os estrangeiros.

E, porque a perseguição pelo Rheno se lhes torna inteiramente defesa, e não ha meio de vingar o filho d'Aetes e as injurias que este soffreu, é que os soldados d'Absyrto, não se atrevendo a voltar á sua ilha, se domiciliam pelas immediações da Pheacia, como Apollonio o conta duas vezes quasi pelas mesmas palavras ²², por ter sido obrigado a duplicar o

²² Comp. iv, 511-21 e 1209-15.

povo dos Pheacios. a esquadilha dos seus Colchidios, etc. ²³

Assim, se da travessia da Inglaterra para a foz do Rheno e dos factos passados em duas ilhas d'este rio e na Electrida sobre o Mar do Norte, Apollonio arranhou as cousas de modo, que obriga os seus heroes a percorrer um itinerario, começando na Colchida e acabando na foz do Pó, já vimos as rasões porque, agora das ultimas aventuras, passadas na foz do Rheno; arranja-nos um itinerario não menos phantastico, começando na foz do Pó e vindo acabar em Corcyra, por não perceber que duplica uma viagem unica e por ser victima das phantasias da «geographia homerica». E no emtanto é elle mesmo que nos vae denunciando as causas dos seus equivocos, e nos fornece elementos seguros para a restauração do verdadeiro itinerario, graças á fidelidade, com que reproduz a velha legenda, mesmo quando a desorganisa.

Damos á nossa affirmativa um tom decisivo, porque temos a convicção intima de que estamos senhores da verdade.

A navegação do Rheno e Rhodano só tem um unico incidente: o do engano no Bosque Hercynio.

²³ E vê-se claramente a razão, por que Apollonio não podia dispensar as duas esquadilhas e põe uma d'ellas de sentinella a Corcyra, onde, diga-se de passagem, os Argonautas não tinham necessidade de tocar em caso nenhum.

Se mais alguns havia, desapareceram infelizmente. Como prova da authenticidade d'aquella navegação, era impossivel encontrar-se outra mais cabal.

Emendado o engano, como já explicamos atraz, ganhando o Rhodano e sahindo ao Mediterraneo, os Phenicios podiam dar por findos os seus trabalhos: estavam em paragens muito suas conhecidas.